



Projeção de Autoconsciência Contínua Espontânea e Assistencial

Proyección de Autoconciencia Continua Espontánea y Asistencial

Spontaneous and Assistantial Continuous Self-Awareness Projection

Patrícia Macedo

Resumo

O presente artigo relata experiência de *projeção de autoconsciência contínua* vivenciada pela autora, de modo espontâneo, não tendo sido empregadas técnicas projetivas ou energéticas com o intuito de se projetar naquele momento. As condições que inicialmente não pareciam propícias à ocorrência do fenômeno demonstram a possibilidade de sua concretização por qualquer consciência intrafísica (conscin). Através do relato, fica claro o papel da *vontade* e a importância da postura assistencial na dimensão extrafísica. A experiência confirma, por autoexperimentação, a existência da multidimensionalidade, bem como a de múltiplos corpos (holossoma).

Palavras-chave: Assistenciologia; catalepsia projetiva; volição; volitação.

Resumen

Este artículo relata la experiencia de *proyección continua de autoconciencia* vivida por la autora, de manera espontánea, sin que se utilicen técnicas proyectivas o energéticas con el objetivo de proyectarse en ese momento. Las condiciones que inicialmente no parecían propicias para la aparición del fenómeno demuestran la posibilidad de su realización por cualquier conciencia intrafísica. A través del informe, queda claro el papel de la voluntad y la importancia de la postura solidaria en la dimensión extrafísica. La experiencia confirma, a través de la autoexperimentación, la existencia de la multidimensionalidad, así como la de los cuerpos múltiples cuerpos (holosoma).

Palabras clave: Asistenciologia; catalepsia proyectiva; volitacion; voluntad.

Abstract

This article reports the experience of *continuous self-awareness projection* experienced by the author, spontaneously, without projective or energetic techniques being used with the aim of projecting herself at that moment. The conditions that initially did not seem conducive to the occurrence of the phenomenon demonstrate the possibility of its realization by any intraphysical consciousness. Through the report, the role of will and the importance of the caring stance in the extraphysical dimension become clear. The experience confirms, through self-experimentation, the existence of multidimensionality, as well as that of multiple bodies (holosoma).

Keywords: Assistantiology; projective catalepsy; volitation; volition.

INTRODUÇÃO

Desde 2019, quando tive o primeiro contato com a Conscienciologia, já havia vivenciado outras experiências multidimensionais e projetivas. Este relato diz respeito a minha primeira experiência lúcida e rememorada no extrafísico.

Anteriormente, considerava que fenômenos de projeção de autoconsciência contínua estavam restritos às perfeitas condições de ambiente e estado. Somente a autoexperimentação poderia demonstrar o equívoco, apesar de continuar considerando que condições propícias facilitam a manifestação do fenômeno.

Além disso, técnicas projetivas não faziam parte da minha rotina, uma vez que o potencial assistencial das projeções lúcidas ainda não havia me despertado a atenção.

Durante o ocorrido, realizava-se o curso virtual *Projeciologia & Reurbex* promovido pelo *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC). Apesar de não ter estado presente e sabendo que haveria holopense propício às experiências multidimensionais, nos dias que antecederam a projeção, empenhei-me nos estudos de temáticas relativas à Reurbanização Extrafísica (Reurbex).

Apesar do esforço para me conectar ao holopense do curso, não empreguei práticas projetivas ou energéticas para induzir experiência de projeção de autoconsciência contínua. Essa experiência ocorreu espontaneamente, possivelmente facilitada por amparadores.

Para a produção deste artigo, utilizei as práticas de: 1) Autoexperimentação; 2) Registro-autoanalítico com detalhismo; 3) Análise complementar da vivência.

O ponto de vista escolhido para apresentar o artigo foi a escrita na primeira pessoa, no intuito de reforçar a personalização da experiência e a autoexperimentação comumente valorizadas na neociência Conscienciologia.

O objetivo deste relato é expor com detalhismo a experiência projetiva de autoconsciência contínua espontânea e assistencial, com o propósito de destravar possíveis travões que o leitor, ou a leitora, possa ter, quanto à manifestação de suas próprias experiências projetivas.

Por definição, entende-se que a projeção de autoconsciência contínua é o “*experimento em que a conscin mantém a lucidez em todos os momentos, ininterruptamente, com o prolongamento da vigília através do sono, desde a decolagem até a interiorização e o retorno ao estado da vigília física ordinária.*” (VIEIRA, 2008; p. 923)

Este artigo está dividido em duas seções: *I. Relato* e *II. Análise do Relato*.

I. RELATO

Era 13 de novembro de 2021, por volta de 16h15min e 17h00min, em Belo Horizonte/MG, quando houve a minha primeira ocorrência de projeção lúcida e rememorada. Os fatos ocorridos nos dias que antecederam a experiência são fundamentais para a compreensão analítica deste relato.

Contexto

Eu ainda não havia sentido conexão com o tema “Reurbanização Extrafísica”. Influenciada por amigos evolutivos e pelo terceiro curso de Projeciologia & Reurbex, que ocorreria naquela semana, apesar de

não estar inscrita no curso, desafiei-me a estudar mais sobre o tema e a tentar compreendê-lo, pois sabia que grande campo de amparo estaria presente.

Para tanto, na quinta-feira, dia 11 de novembro de 2021, iniciei estudos sobre Reurbex. Naquele mesmo dia, tive um insight, que na minha percepção foi amparado, trazendo à tona o cerne do papel do intermissivista comprometido em estados de projeções lúcidas. O intermissivista ao qual me refiro é aquele que se comprometeu intimamente com o seu potencial evolutivo e de amparo extrafísico cosmoético. De nada adianta, deixar-se levar apenas por questões do Ego em experiências multidimensionais, sem se atentar para a assistência. As vidas intra e extrafísicas do intermissivista comprometido são baseadas na assistencialidade. Quanto mais se tem recuperação de cons, maior fica a certeza íntima dessa premissa.

Naquele momento, compreendi que o papel da conscin intermissivista projetada lucidamente deveria ser de interassistência. Seja para produzir relatos, que promovam reciclagens e/ou reflexões às conscins que ainda não vivenciaram essa experiência projetiva, ou para assistir consciências extrafísicas ou projetadas que poderiam se beneficiar do amparo. Essa certeza foi compreendida de maneira tão profunda, parecia simples e óbvia, embora, até então, não havia percebido a importância desse entendimento.

Início da Experiência Projetiva

Eu sabia que ocorreria prática de fly-in coletivo no curso Projeciologia & Reurbex no dia 13 de novembro de 2021. Apesar de estar em outro compromisso na hora, empenhei-me nos estudos de Reurbex nos intervalos possíveis. Após o almoço, acompanhada pelo meu namorado, e na casa dele, começamos a assistir ao filme “Alerta Vermelho”, que foi escolhido sem muita criticidade. Nos primeiros 22 minutos do filme senti um cansaço muito forte, sem entender de onde surgira, era algo diferente de tudo que já havia experimentado. Junto do cansaço, tive sensação de sonolência profunda, em nível que não houve opção senão correspondê-la.

Desisti de dar continuidade ao filme e me rendi ao sono. Apesar de haver adormecido, parecia que por todo tempo estava em sono leve, acompanhando por alto as ocorrências do ambiente. Tanto que vi claramente quando o filme se encerrou e o meu namorado se levantou para desligar a TV. Ele voltou novamente para a cama e deitou-se ao meu lado, encostando-se em mim enquanto mexia no celular. Eu estava de costas para ele, deitada de lado, com as pernas recolhidas, como costumo dormir. Tentei me comunicar com ele, queria relatar a estranheza do cansaço que sentia, porém não conseguia falar. Até ouvi o som sair da minha boca, parecendo murmúrios. Imediatamente, tentei me movimentar, queria me virar para ele, para facilitar a comunicação, mas não conseguia me mexer.

Depois disso, as sensações foram muito rápidas. Em pensamento, que compreendi ter sido externo, direcionei-me para visualizar o que ele fazia no celular. Eu me percebi virando para olhar o aparelho, mas não conseguia ver nada. Parecia uma tela brilhante branca. Ao mesmo tempo em que pensava que o que estava ocorrendo não era correto, não seria cosmoético invadir a privacidade dele, visto que um pilar importante nesse relacionamento era o respeito à privacidade. Notei que as mãos dele pareciam se esticar, na medida em que se afastavam com o celular cada vez mais do meu campo de visão. Não foi possível enxergar o conteúdo do telefone.

Com o pensamento sobre cosmoética, comecei a refletir:

“Por que havia pensado em cosmoética? Por que estava tão sonolenta? Por que não estava me mexendo? Por que vi a extrapolação de braços e celular?”. Imediatamente, dei-me conta de que estava projetada e todas as teorias anteriormente estudadas em Conscienciologia e Projeciologia passaram por minha mente. Uma sensação de euforia e empolgação, de uma criança que recebeu um presente pela primeira vez, tomou conta de mim. Busquei me conter para não atrapalhar a experiência. Lembrei-me de que se eu me movimentasse demais, devido a inexperiência, poderia ser atraída de volta ao corpo físico e perderia a oportunidade de usufruir daquela experiência. Resolvi fazer exteriorização de energias, para facilitar a soltura do psicossoma. Logo no início da prática, ficou claro que eu já estava totalmente descoincida, que meu psicossoma sobrepairava o corpo físico. E que, para sair dali, bastava ter vontade de fazê-lo.

O Poder da Vontade

Queria me afastar do corpo físico e pensei que, com o poder da vontade, eu iria me levantar. Até me lembrei da técnica de rolamento do psicossoma, sabia que, na teoria, auxiliava nessa soltura, mas não tive a sensação de que a fiz de fato. Foi um misto de conhecimento teórico com vontade focada e forte que fizeram com que eu afastasse o psicossoma do soma. Fiquei com receio de me mexer e, portanto, estava ali, com o psicossoma um pouco “torto”, na mesma posição em que o soma se encontrava adormecido, olhando-o por cima.

Que sensação deliciosa! Não titubeei, vislumbrei a janela aberta ao lado da cama e decidi que sairia por ela. Volitei devagar até ela, vi os detalhes da rua que já conhecia do lado de fora, porém a vi por nova perspectiva. Dali em diante, foi tudo muito rápido. Ao mesmo tempo em que sentia que volitava torta e devagar, os cenários abaixo de mim pareciam mudar ligeiramente, como se viajasse a anos-luz, notando vislumbres singelos dos locais por onde passava. Até que cheguei em algum lugar.

Parei, em estado volitativo, no alto, em cidade que parecia ser extrafísica. Havia prédios de baixa estatura e largos, com detalhes marcados por arquiteturas antigas próximos a outros mais modernos e levemente mais altos, sem tantos detalhes em suas construções. Um dos prédios chamou minha atenção. Ele era bem largo, com detalhes de textura quadriculada esculpida na fachada, e a parte de cima reluzia um brilho dourado, parecendo ser telhado banhado a ouro. Era muito bonito.

A rua principal parecia avenida, contendo duas ou três faixas de cada lado para tráfego de veículos, separadas por canteiro pequeno, central, com grama baixa e árvores de troncos finos. O trecho em que me encontrava estava cheio, com a presença de consciexes e/ou conscins projetadas. Havia consciências volitando, outras andando, cada uma à sua maneira, sem muito julgamento quanto a manifestação. Notei alguns veículos trafegando e três ônibus com passageiros.

Primeiras Experiências no Extrafísico

Assim que cheguei à cidade, por ser minha primeira experiência lúcida, tive euforia e curiosidade. A primeira vontade era corrigir a postura do meu psicossoma, que permanecia rígido na posição que meu soma adormeceu. Queria parecer agradável para todos que passavam por mim. O problema era que eu sabia o desafio que poderia ser tentar movimentar o psicossoma. Fiquei com receio de inconscientemente retornar ao soma. Corrigir a minha postura parecia tão importante naquele momento que não me importei tanto com o risco, senti-me preparada para remediar qualquer ocorrência posterior diferente da minha vontade máxima,

que era permanecer projetada e lúcida naquele local. Com a força da minha vontade, tentei tirar a rigidez postural do psicossoma. Notei que, subitamente, me afastava da experiência projetiva, sentindo-me conectada ao soma, tendo impressão de estar sendo puxada de volta. A visão da cidade vista por cima começava a ficar envolta em névoa branca transparente.

Não pensei duas vezes. Com a mesma vontade manifestada para me afastar do soma, consegui permanecer onde estava e corrigir a postura que tanto me incomodava. Para isso, repeti, como se fosse um mantra, que eu não era o corpo físico, que quem mandava na minha vontade era eu, que iria sim relaxar o psicossoma para ficar da forma que gostaria e que, de maneira alguma, isso me traria de volta ao soma.

Pronto! Imediatamente, minha vontade trouxe leveza para minha manifestação extrafísica. A criança interior voltou a se manifestar e começou a fazer acrobacias no ar. Como era divertido voitar! Ia para baixo, dando voo rasante, chegava perto do chão extrafísico e subia na mesma velocidade, sem sentir a força da gravidade, sem força contrária à minha ação. Brinquei de voitar, diverti-me com o prazer que era enxergar o todo pelo ponto de vista de cima.

Detalhismo

Precisava aproveitar a lucidez para me lembrar ao máximo de questões que posteriormente poderiam ser importantes ao analisar a experiência projetiva. Foi aí que me dei conta de que queria entender onde estava. Notei uma placa onde a rua se conectava com a avenida, bem na esquina do prédio de telhado reluzente.

Volitei até lá e percebi que a placa parecia com as existentes no Brasil, era azul e com escritos em português. Foi a primeira vez que senti a presença do amparador. Parecia que uma energia externa me acompanhava em todo processo, como se estivesse atrás de mim.

A primeira placa que tentei ler, no intuito de rememorar na volta ao soma, era composta por três palavras. Para uma delas, foi fácil fazer exercício mnemônico: “Bragança”. Rapidamente, lembrei-me da família imperial “Orleães e Bragança” e fixei a palavra na mente. Porém, as outras duas pareciam complexas e me demandariam mais tempo para fazer alguma associação.

Percebi que não seria fácil rememorar placa com três palavras e o amparador pareceu concordar. É importante ressaltar que as conversas com o amparador ocorriam telepaticamente, não houve tentativa de me comunicar de outra maneira. Pareceu-me um entendimento intuitivo.

Passei, então, para a próxima placa subjacente, na esperança de que seria mais fácil rememorá-la. Em número de palavras, era menor, porém a complexidade era maior. Parecia ser palavra criada, nada parecido com algo que já conhecia. Foi engraçado perceber que tentar trazer para a mente a memória do nome daquela placa seria desafio ainda maior. Decidi, então, tentar descobrir que horas eram. Olhei para os lados e não avistei nenhum relógio por perto.

Como tenho o costume de usar relógio de pulso no intrafísico, resolvi levantar o meu braço e verificar se existia a possibilidade de estar de relógio também no extrafísico. Para a minha surpresa, estava. Os números não eram exatos, porém acredito que consegui ver o número “15”. Infelizmente, não me lembro do posicionamento dele, se era de horas ou minutos, visto que meu relógio era digital. Como retornei ao soma às 17h em ponto, cogito a hipótese de ter olhado no relógio no extrafísico às 16h15min.

Ainda preocupada em rememorar informações referentes ao local onde estava, do outro lado da avenida, avistei terceira placa de sinalização de nome de rua. Antes mesmo de pensar em voitar, tive vontade de ir até àquela placa, e, simplesmente, vi o meu psicossoma, que parecia estar em pé no chão, saltar com muita facilidade até o outro lado da avenida.

Eu me pendurei na placa, segurando-a firmemente com as mãos. Houve uma extrapolação desta placa, assim que encostei nela, o tamanho do seu poste aumentou e ficou me balançando para um lado e para o outro, como se fosse feita de material elástico. Tentei ler o que nela estava escrito, porém, quanto mais forçava a vista para que o texto se tornasse legível, menor ele ficava.

Ficou impossível tentar compreender o que estava ali. Novamente, a situação trouxe ar cômico para o momento. Senti as energias do amparador que me acompanhava também se divertindo com o meu entendimento de que seria difícil rememorar as placas e focar naquilo não era prioridade naquele momento.

Ônibus Azul

Pois bem, decidi que focaria na lembrança da placa de três palavras que incluía “Bragança”. Segundos depois, avistei do outro lado da avenida, em pequena rua próxima a ela, um segundo ônibus azul, de dois andares. O primeiro, com as mesmas características de cor e altura, havia avistado quando cheguei à cidade. Dessa vez, o ônibus chamava mais a atenção.

Mesmo de longe, vi que ele parecia se movimentar ao modo de pessoa corcunda, tinha o centro do ônibus curvado para cima, as partes da frente e de trás pareciam estar mais próximas, como se estivessem achatadas horizontalmente devido a corcunda provocada pelo centro. O ônibus se movimentava como se procurasse andar nas pontas dos pés, que no seu caso eram as suas rodas.

O movimento se dava de maneira irregular, em ziguezague, indo para um lado e para o outro, saindo da rua em direção à avenida. Aquela cena foi curiosa, parecia desenho animado, porém os traços do ônibus eram totalmente realistas. Tive a impressão de ver passageiros dentro do ônibus, mas não prestei atenção ao número de consciências e aos seus detalhes.

Foco na Assistência

Assim que me dei conta da estranheza com a qual aquele ônibus parecia se manifestar, lembrei-me de patologias extrafísicas que, muitas vezes, levavam consciexes, ou até mesmo conscins projetadas, a se manifestarem com morfologia diferente das suas. Em instantes, notei que tal pensamento fez com que eu me lembrasse do insight recebido nos dias anteriores, sobre o papel do intermissivista comprometido durante projeções lúcidas. Assistência! “Será que tinha alguma consciência por ali que poderia se beneficiar da minha assistência?”, pensei.

Em questão de instantes, um terceiro ônibus azul de dois andares passou pela minha frente na avenida. Ele se movimentava normalmente, sem apresentar patologias, e estava cheio de consciências dentro. Resolvi voitar ao lado dele, olhando pelas janelas, para ver se encontrava alguém que poderia precisar de ajuda. Naquele momento, não soube julgar o motivo, mas senti a necessidade de entrar em estado vibracional (EV). O amparador me questionou se eu julgava que deveria realmente movimentar as minhas energias, se o meu padrão de energias não poderia chamar atenção em demasia naquele local. Concordei que poderia sim chamar a atenção, mas, intimamente senti que deveria fazê-lo. Disse-me que se eu sentia que deveria realizar

o EV e era capaz de lidar com as possíveis consequências, tudo bem, poderia fazê-lo. Não me pareceu ser permissão, mas apoio às certezas íntimas que tinha.

Ainda volitando acima da avenida, próxima ao ônibus em movimento, instalei o EV. Mal havia começado a prática, percebi as consciências do ônibus me olhando. Apesar do desconforto, fiquei contente, pois consegui notar consciex parada no meio da avenida, pouco à frente do ônibus, olhando firmemente para mim. Tive certeza íntima de que aquela consciência precisava de assistência. Ainda volitando, cerca de alguns metros acima dela, notei seus traços.

A consciex era baixa, poderia ser adulto de baixa estatura ou criança. Vestia blusa de manga comprida listrada e colorida. Lembro ter visto as cores verde e vermelha, além de outras que não rememorei. A vestimenta de baixo parecia ser calça comprida. Estava em pé, reta, com os pés no chão e os braços paralelos ao corpo. No lugar do rosto, havia a cabeça de um gato de pelúcia preto. Os olhos eram peças pretas comuns nesses brinquedos. O gato de pelúcia não trazia aspecto gracioso para a consciex. Poderia facilmente ter interpretado que seria atacada, de tanto que me fixava o olhar.

Entretanto, meu primeiro pensamento foi assistencial. Senti que aquela consciex, por algum motivo, manifestava-se com possível patologia e havia se conectado comigo. Senti que deveria assisti-la. Então, tive a ideia de exteriorizar as melhores energias para que ela se sentisse bem, no intuito de poder se manifestar livremente, sem o aspecto de gato de pelúcia. Posicionei as mãos na direção dela e comecei a exteriorizar energias. Quase no mesmo instante, senti pressão muito forte na nuca. Parecia que estava sendo puxada com força pela parte superior do tronco para o meu corpo físico, do qual quase me esqueci durante a experiência projetiva, e que se encontrava adormecido no quarto.

Retorno ao Soma

Percebi que os ambientes, os quais avistava de cima enquanto era puxada, passavam por mim mais rápido do que na viagem de ida. Pareciam rastros coloridos de tão rápido que os via. Assim que o trajeto terminou, visualizei-me sendo atirada em direção ao meu corpo.

Pronto, estava de volta ao quarto onde tudo começou. Meu namorado parecia estar na mesma posição, deitado reto atrás de mim, com o braço encostado em meu corpo, enquanto mexia no celular. A euforia era enorme. Voltei dizendo que havia me projetado, em alto tom. Queria me levantar correndo para começar o registro da experiência. Fiquei contente por estar me lembrando de tantos detalhes, incluindo a desafiadora placa de três palavras.

Porém, apesar de achar que falava e querer me movimentar, encontrava-me novamente em estado de catalepsia, agora, pós-projetiva. Fiquei preocupada com a situação, pois quanto mais os segundos passavam, maior seria o risco de esquecer os detalhes que rememorava.

Retorno da Catalepsia Pós-Projetiva

Lembrei-me do poder da vontade, aquela mesma força que manifestei para me afastar do corpo ao estar projetada e para permanecer na projeção quando escolhi mudar a postura do psicossoma. Pela força da minha vontade, decidi internamente que iria me levantar naquele momento, pois o registro da experiência era importante para mim.

Dei um salto da cama tão repentino que assustei meu companheiro. Levantei os braços, celebrando, e comecei a falar, bem empolgada que havia me projetado. Não conseguia ou tentava esconder o meu contentamento. Peguei o celular que estava na escrivaninha e comecei a escrever tudo o que me lembrava.

Meu namorado me questionava o que tinha acontecido, o porquê de ter levantado do nada, falando alto e tão acelerada. Eu pedi que aguardasse, que precisava escrever para não esquecer e depois o responderia. Depois do registro feito, virei-me para ele, no intuito de validar minhas parapercepções. Ele, na qualidade de testemunha ocular do meu corpo físico, poderia ter algo a acrescentar. Será que ele havia me escutado falar? Notou algo em meu corpo adormecido que poderia ser útil? Foi só após questioná-lo bastante que me senti à vontade para compartilhar sem filtros toda a experiência que havia acabado de vivenciar.

Validando a Experiência

Ao ser questionado, meu namorado respondeu que chegou a ouvir alguns murmúrios saindo de minha boca enquanto eu dormia, o que, para mim, validava a experiência de catalepsia projetiva. Ele disse, também, que, em algum momento, meu corpo se virou ligeiramente na sua direção, mas não soube precisar quando ocorreu. Notou umas tremidas no corpo e nas pernas, comuns durante meus estados de sono profundo. Fora isso, não notou nada mais que lhe chamasse a atenção.

Eu comecei, então, a relatar para ele tudo que vivi, com o máximo de detalhes possíveis. Ao chegar na parte do ônibus azul, de dois andares, de postura e direção caricatas, ele arregalou os olhos. Pareceu apreensivo, porém ficou calado, esperando o término da história para compartilhar o que pensara. Na parte em que mencionei o adulto de baixa estatura ou criança com rosto de gato de pelúcia parado na frente do outro ônibus de mesmas características, arregalou novamente os olhos, demonstrou estar arrepiado. Quando finalmente terminei o relato, perguntei o motivo daqueles pontos terem lhe chamado atenção.

Ele disse que quando eu tentava enxergar o que ele tanto fazia no celular, logo no início do relato, ele estava lendo uma notícia. E, abriu a notícia novamente no celular. Dizia respeito a um acidente de ônibus ocorrido no Estado de São Paulo naquele dia, 13 de novembro de 2021, onde seis pessoas faleceram. Uma dessas pessoas era uma criança, a filhinha do motorista do ônibus com quem viajava.

As minhas sinaléticas de presença de amparador dispararam naquela hora. EV forte e patrocinado, coceira agradável no coronochacra, banho de energia. Pedi-lhe para ver as fotos do ônibus. Era ônibus azul em sua maioria, com poucos detalhes em cinza e dois andares (vide Anexo).

Ele capotou no acidente e estava bem amassado. Pelas fotos, já não se via direito o segundo andar. Porém, ao ver a foto do ônibus antes do acidente ficou clara a semelhança com o visto na projeção. De alguma forma, eu havia assistido aos envolvidos no acidente e possivelmente estive em contato com a criança recém dessorada.

II. ANÁLISE DO RELATO

Para qualificar a lucidez relativa à experiência, considero pelo menos 5 critérios, apresentados, a seguir, em ordem cronológica dos fatos e parafatos:

1. Fui capaz de experimentar e visualizar fenômenos pré-projetivos, tais como sonolência profunda e catalepsia projetiva, tanto durante a decolagem quanto durante o retorno ao soma.

2. Visualizei a maxidescoincidência e a soltura do psicossoma.
3. Permaneci autoconsciente sobre a experiência durante todo período do ciclo projetivo.
4. Observei o retorno ao soma.
5. Houve rememoração e registro da experiência com detalhismo.

Sobre o nível de detalhismo, levanto hipóteses relativas a questionamentos emergentes da experiência, os quais que chamaram atenção, sendo relativos a 6 categorias de análise, apresentadas, a seguir, em ordem alfabética:

1. Curso *Projeciologia & Reurbex*.
2. Luminosidade do ambiente.
3. Papel da *vontade*.
4. Presença do namorado.
5. Relaxamento do soma.
6. Técnicas projetivas.

Aproveitando o ímpeto, fica aqui o convite, ao leitor, ou à leitora, para exercitar a criticidade levantando outras hipóteses a respeito deste relato.

Autoexame Projetivo

Por mais que entenda a importância da prática de técnicas projetivas, até então, por questão de priorização não havia utilizado muito. Havia outras questões mais importantes que precisavam ser trabalhadas e recicladas, que até então pareciam ser mais interassistenciais.

Antes dessa experiência, já havia vivenciado fenômenos projetivos, em quantidade satisfatória, projeções patrocinadas em campos de Laboratórios de Práticas Projetivas dos cursos do IIPC e outras em casa. Elas incluem um fenômeno de Cosmoconsciência, uma projeção com *Curso Intermissoivo*, e tantas outras com caráter assistencial, em sua maioria. Porém, de todas as minhas vivências extrafísicas, essa foi a primeira vez que me senti lúcida em todo o processo.

Das minhas compreensões ao estudar sobre técnicas projetivas, internalizei que o ideal seria sempre praticá-las estando sozinha no quarto, sem a presença de outras consciências intrafísicas, dentre outras interpretações quanto ao nível de claridade do ambiente. Meu quarto costumava ser bem claro, sem blecautes nas cortinas, facilitando a entrada da luz do dia pela manhã. Esta é a minha forma favorita de acordar, com o sol adentrando no ambiente. Se as técnicas de projeções lúcidas dependiam de certa escurecimento no quarto, já não estaria tão apta a praticá-las.

Os entendimentos acima se tornam importantes no momento que os contrastamos com o cenário inicial do relato projetivo. Casa do namorado, com a presença dele se movimentando e acordado ao meu lado, após assistir a filme nada assistencial, quarto com janelas e cortinas semiabertas, trazendo muita clareza para o ambiente, ausência de prática de técnicas projetivas.

Com meus preceitos, esse cenário seria um dos menos propícios à experiência de projeção de autoconsciência contínua. Porém, não foi o que ocorreu e isso me fez pensar. Será que todos esses travões interpretativos não passam de obstáculos impostos pela própria mente aos fenômenos de projeções lúcidas?

Do ponto de vista do holossoma, nos dias que antecederam a experiência, bem como no dia em questão, estava relaxada, ciente e tranquila com o meu caminho evolutivo. Apesar de não ter aplicado conscientemente técnicas de relaxamento de meus corpos, a paz refletiu notoriamente no holossoma. Meus pensenes estavam sadios e os músculos corporais sem tensões aparentes.

Como existem técnicas de relaxamento para facilitar a manifestação de projeções lúcidas, considere que meu relaxamento prévio pode ter auxiliado a ocorrência do fenômeno projetivo.

Contextualização

Não é de se estranhar que o fenômeno de *projeção de autoconsciência contínua* espontâneo tenha ocorrido em paralelo ao curso Projeciologia & Reurbex. Levanto a hipótese de minha experiência ter sido facilitada por amparadores extrafísicos que davam suporte ao evento, pois nos dias antecedentes, e no dia em questão, fiz o possível para me manter conectada com colegas participantes e com o holopensene da turma.

Tentei até me conectar com o *fly-in* ocorrido no campo do curso pela manhã, porém sem muito sucesso por estar em outro compromisso. Considerando o horário em que tive a projeção e o cronograma do curso, surge a hipótese de eu ter aproveitado os trabalhos da equipe extrafísica que estava conectada com o evento.

Compreendo os motivos pelos quais muitas vezes é recomendado para iniciantes que práticas projetivas sejam feitas sem a presença de outra consciência intrafísica ao seu lado na cama, por questões de acoplamento, relaxamento, concentração etc. Porém, parece importante frisar que apesar de meu namorado não estudar Conscienciologia ou compreender as características de *duplismo evolutivo*, ele costuma manifestar espontaneamente traços de parapsiquismo e tem boa postura na condição de companheiro evolutivo.

Neste momento, não sei precisar se a existência de conexão afetiva e evolutiva sadia entre nós pode ter influenciado de alguma maneira o fenômeno projetivo ocorrido em sua companhia. Em outras ocasiões, os exercícios energéticos pareceram ter se intensificado quando realizados em sua presença.

Outra hipótese analisada é o fato da luminosidade adentrando no quarto ter facilitado a saída do psicossoma pela janela. Ver a luz entrando pela janela e esta, por sua vez, estar aberta, pode ter facilitado a escolha por onde sairia, embora admita que fora intuitivo.

Por mais que soubesse que poderia atravessar a porta, ou qualquer uma das paredes, e por ter sido minha primeira experiência do tipo, voitar por espaço aberto e bem iluminado com a luz do dia pareceu ter facilitado a decisão de sair do quarto e me afastar do corpo físico.

Vontade

Ao longo da pandemia da covid-19, entre 2020 e 2021, senti que meu poder volitivo estava fraquejado. Dediquei algum tempo ao estudo de volição e voliciopatias naquele período.

Entendia a “vontade” como poder da consciência, de manifestar aquilo que almeja. Porém, por mais que estudasse teorias, foi apenas após a vivência dessa projeção que realmente fui capaz de internalizar a minha compreensão do tema e sua importância.

A impressão que tive é que a vontade parece ser a força imanente da consciência. Da mesma forma que temos as energias imanentes da natureza, a vontade se sobressai na consciência.

Por três vezes, durante a projeção, a vontade foi de suma importância: 1º) na decisão do afastamento do corpo físico ainda dentro do quarto; 2º) na manutenção da projeção após a movimentação do psicossoma na cidade extrafísica; 3º) ao me levantar da cama forçosamente no meio de uma catalepsia pós-projetiva.

Mas o que seria então a vontade? Segundo Daou (2015; n.p), “*a vontade é a capacidade ou a faculdade de a consciência dirigir a autopenalização e empreender ação sobre as energias disponíveis no Cosmos, promovendo e/ou modificando conhecimentos, comportamentos, decisões, atitudes, realidades e pararrealidades.*”

Para mim, a vontade é a manifestação pura do que já está interiorizado no meu íntimo. De nada adianta falar que se tem vontade de fazer algo, se a certeza íntima da consciência não está alinhada com esse algo. É a mesma coisa de querer prestar assistência no extrafísico, porém tendo receio íntimo de ter medo de algo com que possa se deparar. *Vontade e certeza íntima caminham juntas.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência projetiva de autoconsciência contínua formalizou em mim, de vez, a existência da multidimensionalidade. Doravante, faz-se necessária, de minha parte, atenção especial às práticas de técnicas projetivas, uma vez compreendido o caráter assistencial que essas vivências podem promover.

De todos os ensinamentos obtidos, o que mais chamou minha atenção foi a compreensão da vontade inquebrantável, tal qual força maior da consciência.

Sinto-me mais segura no empenho e concretização dos próximos passos de minhas reciclagens e da programação existencial (proéxis).

REFERÊNCIA

1. DAOU, Dulce; *Vontade: Consciência Inteira*; E-book; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014; n.p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. MOTA, Tathiana; *Curso Intermissivo: Você se Preparou para os Desafios da Vida Humana?*; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2019.
2. VIEIRA, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências fora do Corpo Humano*; 10ª ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2008; p. 922.

WEBGRAFIA CONSULTADA

1. G1; *Acidente com ônibus de turismo na Oswaldo Cruz deixa mortos e feridos*; Vale do Paraíba e Região; disponível em <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2021/11/13/onibus-de-turismo-tomba-no-trecho-de-serra-da-oswaldo-cruz.ghtml>>; acesso em 22/02/2022.
2. G1; *Oswaldo Cruz é liberada após dez horas de interdição por acidente com ônibus*; disponível em <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2021/11/13/rodovia-oswaldo-cruz-e-liberada-apos-quase-dez-horas-interditada-por-causa-de-acidente-com-onibus.ghtml>>; acesso em 22/02/2022.

Patrícia Macedo, bacharel em Relações Internacionais; pós-graduada em Gestão de Negócios.

E-mail: patymacedo@live.com

ANEXO



Antes e depois de ônibus de turismo acidentado na Rodovia Oswaldo Cruz em São Paulo no dia 13 de novembro de 2021.
Fonte: G1.